

A PERSPECTIVA DO ENSINAR FILOSÓFICO NO PROGRAMA DE ENSINO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Fernando José Alves ¹
Junot Cornélio de Matos ²

RESUMO

O Ensinar filosófico reproduz um ser vivente humano, enquanto ser crítico, reflexivo, pensador de suas tomadas de decisão, e neste patamar que podemos inserir o filosofar no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), promover a inclusão daqueles que já foram excluídos, porém, não se pode deixar de lado a existência de uma legislação que reproduz todo o arcabouço da modalidade. Nossa pergunta central é: Qual a contribuição do ensino da filosofia no EJA? nossos objetivos: identificar o conceito de filosofia; verificar o que seria uma aula ideal de filosofia; compreender o porquê essa aula seria ideal. É notório a existência de um paradoxo entre o que é instituído para uma aprendizagem dos discentes e a realidade a qual está inserida. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual, EREM-Desembargador Jose Neves Filho, localizada no Município de Jaboatão dos Guararapes-PE, contou com a participação de Estudantes das três modalidades do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no Ensino Médio, tendo a finalidade de averiguar através de uma pesquisa qualitativa aonde, colocamos como instrumento um questionário com três perguntas: Qual o conceito de filosofia? O que seria uma aula ideal de filosofia? Por que essa aula seria ideal? Consideramos assim que: Os estudantes acreditam ainda numa perspectiva de ensino filosófico melhor que a atual. Necessitando de mudanças bruscas nas práxis pedagógicas que vislumbre um ensino condizente com o que foi acertado na aprovação da Constituição Cidadã: um ensino acessível, de qualidade, e de acordo com a realidade de todos os cidadãos brasileiros.

Palavras-chave: Ensino filosófico, Escola, EJA, Adultos, Educação.

INTRODUÇÃO

A perspectiva do ensinar filosófico no programa de ensino de jovens e adultos – EJA, perpassa pelo questionamento central dessa investigação: Qual a contribuição do ensino da filosofia no EJA, enquanto ensino disciplinar? É notório que a implantação do EJA fora uma conquista de lutas, em virtude de ser uma educação voltada para os oprimidos, aqueles que não tiveram a possibilidade, econômica e social privilegiada, de certa forma excluídos por uma política de poder, no mesmo sentido encontramos a disciplina de filosofia, que vem de uma oscilação no curricular nacional.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, fernandojosealves123@gmail.com.

² Professor Orientador: Doutor, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, junotcmatos@gmail.com.

“A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana” (MORIN, 2011, p. 23), seria neste contexto que deveríamos atuar enquanto pensadores de uma educação para o futuro, pensar em formar seres pensantes, que dialoguem de forma crítica neste mundo de incertezas e não de verdades absolutas.

Portanto, o Ensino de jovens e Adultos, sendo uma modalidade de ensino que valoriza a formação do cidadão, traz em seu bojo uma característica dos pensadores Freire Freire e João Francisco de Souza, a práxis pedagógica, como item sustentador de uma educação libertadora.

Neste contexto, Souza (2007, 180), conceitua a práxis pedagógica como “a ação coletiva de formação do sujeito humano, na perspectiva filosófica por nos assumida, que busca garantir as condições subjetivas e algumas do crescimento humano de todas e todos em todos e em quaisquer quadrantes da terra.” Ou seja, dentro dessa ação coletiva encontramos a disciplina de filosofia como componente curricular que necessita ser repensada dentro dialogada e efetivada na sala de aula.

Nesta parceria, torna-se essencial a percepção de que:

A Educação de jovens e adultos EJA – tem-se, portanto que entender a educação de adultos como processo educativos mais amplos que a escolarização. A finalidade última desses processos e experiências, ou sua hipótese acadêmica e social é contribuir para a construção da humanidade do ser humano em todas as suas dimensões e âmbitos. Trata-se, portanto, de processos e experiências de intercomunicação e interação que possam garantir a recuperação, a valorização, a produção e a apropriação de valores e conhecimentos. (SOUZA, 2007, p. 166)

Entretanto, pensar a Educação de Jovens e Adultos-EJA e a Filosofia e pensar no discurso da interculturalidade como saber para melhoria do humano a partir da sua relação com o conhecimento, discursos acerca de dignidade humana como referência para um diálogo entre culturas (CARVALHO, 2004). E justamente neste viés que Candau (2003) também reconhece esta parceria ao colocar que:

A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas pra enfrentá-los. (p. 148).

Esta pesquisa se faz necessário para se fazer a escuta dos alunos, e construir de forma intercultural as propostas para serem trabalhadas no chão da escola. Temos que compreender

que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 52).

O mestre filósofo, Junot Cornelio matos, em sua obra “filosofia [da] perguntação”, ousa, pensar uma filosofia atrevida, que não para de perguntar. Que não fique circunscrita a arte de responder. Por isso navego rapidamente no processo de construção do pensamento filosófico amarrado ao propósito de questionar ideias construídas em torno dos conceitos de homens, mulheres e mundo (2021).

O mesmo autor ainda descreve a importância do perguntar ao dizer que:

proponho a perguntação indicando que ação de perguntar vislumbra possibilidades de sentimentos que conduzem à ação e, por seu turno, suscitam novos perguntares. não um perguntar viciado no qual se enreda uma resposta dissimulada. um perguntar enraizado na ignorância, que é sabia porque perplexa, curiosa, indignada. (MATOS, 2021, p. 29).

Mas o propósito dessa pesquisa e de fato conduzir nossos alunos a responder as indagações pertinentes ao ensino da filosofia no campo do Ensino de Jovens e Adultos – EJA, neste entendimento, os nossos objetivos foi identificar o conceito de filosofia; verificar o que seria uma aula ideal de filosofia; compreender o porque essa aula seria ideal. Buscando assim entender as confluências existentes entre utopias e realidades no ensinar filosófico.

Dentro desse contexto a abordagem de nossa legislação educacional brasileira reproduz a necessidade de uma reflexão mais condensada em torno do tema abordado. Porque e a partir do cumprimento da legislação que poderemos cobrar das autoridades competentes um olhar crítico para esta modalidade de ensino e a importância do Ensino da Filosofia como um todo.

REFERENCIAL TEORICO

A disciplina de filosofia no Ensino de Jovens e Adultos (EJA - Ensino Médio), foi reimplantada no currículo brasileiro após muito tempo de ausência. Motivo pelo qual ela não se encontra consolidada como componente curricular, deixando de ser obrigatória em 1961 (lei nº 4.024/1961) e sendo excluída em 1971 (lei nº 5.692/1971) do currículo escolar oficial (BRASIL, 2006).

Neste sentido criou-se um hiato em termos de amadurecimento enquanto disciplina, mesmo com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), aonde está prevista no seu Art. 36 que “ao final do ensino médio o estudante deva dominar os conteúdos de filosofia e sociologia necessários aos exercícios da cidadania” (BRASIL,1996).

Ou seja, a filosofia além de esta agregada a sociologia está restrita a formar o cidadão, porém, não deixa claro, qual seu papel na ação educacional.

Por outro lado, a mesma Lei advoga no seu Artigo 37 que a “A educação de jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria” (BRASIL,1996).

Reforça ainda o parágrafo 1º ao destacar que:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vidas e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Desta forma se reinstala a Educação de Jovens e Adultos, na realidade a legislação outorga o que nunca deveria ter saído de cena, a EJA tem um papel de corrigir erros de políticas públicas educacionais mal elaboradas.

Vê-se, pois que a EJA, lentamente, vem ampliando um espaço legal que deveria ter tido desde a Constituição Federal de 1988 e, conseqüente a isso, ter fontes de meios e recursos para dar conta de suas finalidades, metas e objetivos.

Focando o ensino de filosofia no Ensino de Jovens e Adultos (Médio), não há diferença na sua prática pedagógica em relação ao ensino regular, no tocante a linha de formação do cidadão, a utilização de materiais didáticos pode ligar um conhecimento filosófico abstrato à realidade, inclusive ao cotidiano do estudante, destarte, que a disciplina de filosofia não deseja formar cidadãos o suficiente para uma leitura filosófica, mas sim contribuir para a formação do cidadão com noções filosóficas bem mais duradoura que o porventura afetado pela volatilidade das informações.

Portanto, a compreensão da filosofia como disciplina reforça sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar, tendo contato natural com toda a ciência de envolva descoberta ou exercite demonstrações ou reflexões epistemológicas (BRASIL, 2006).

Da mesma forma, a valorização do texto filosófico, da palavra e do conceito, estabelecendo assim, um intercâmbio com a área de linguagens (BRASIL, 2006). Além de contribuir para a integração curricular e das outras disciplinas.

A filosofia não é uma ciência e tampouco uma das belas artes, ela sempre teve conexões íntimas e duradouras com os resultados das ciências e das artes, porém, a filosofia tem a necessidade, ao mesmo tempo, de se definir no interior do filosofar como tal. Diante das correntes de pensamento, não se pode perder de vista que é possível falar em filosofia e não

apenas em filosofias, nem se pode esquecer que uma maneira de filosofar se relaciona com todas as outras de um modo peculiar.

Dentro do campo filosófico as Orientações Curriculares de Filosofia descrevem que “a atitude filosófica privilegia um certo voltar atrás”, um refletir porque a própria possibilidade e a natureza do imediatamente dado se tornam alvo da interrogação (BRASIL, 2006, p. 22). Portanto, formar o cidadão no sentido de promove-lo a um ser questionador, perguntador, reflexivo, motivador no seu caminhar em busca da felicidade, onde eu e outro tivéssemos a possibilidade de reconstruir juntos uma sociedade mais igualitária.

Quando a Lei de diretrizes e Bases de 1996, projeta a formação para a cidadania, além da preparação para o trabalho, não é tarefa da filosofia, mas sim de todas as demais disciplinas. A filosofia irá aprimorar o estudante a partir de uma formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (L.D.B, Art. 35, inciso 3), porem, pode-se formar cidadãos sem contribuição formais da filosofia (BRASIL, 1996).

A resposta a referida indagação e que a contribuição específica da disciplina é desenvolver a competência da fala, da leitura e da escrita, ligada à natureza argumentativa da filosofia e à sua tradição histórica, portanto, e fundamental a capacidade de análise, de reconstrução racional e crítica, a partir dos textos propostos. Além dos textos propostos e necessário recorrer a própria história da filosofia.

Nascimento *apud* Silveira (2000, p. 142) destaca que:

Dizer que se pode ensinar filosofia apenas pedindo que os alunos pensem e reflitam sobre os problemas que os afligem, ou que mais preocupam o homem moderno sem oferecer-lhes a base teórica para o aprofundamento e a compreensão de tais problemas, e sem recorrer à base histórica da reflexão em tais questões e o mesmo que numa aula de física pedir que os alunos descubram por si mesmo a formulação da lei da gravitação sem estudar físicos.

É salutar que no ensino de filosofia em especial no EJA médio, que tanto a história da filosofia e o texto filosófico tenha um papel significativo no processo de aprendizagem, sendo essencial desenvolvê-lo de forma flexível, em virtude das dificuldades existentes na prática pedagógica.

A filosofia carrega em seu desenvolvimento, um paralelo com o processo pedagógico, trata-se da Paideia grega, a pedagogia dos primeiros grandes sábios que tinham no pensar filosófico um caminho para o aprendizado do mundo (JAEGER, 2001).

Neste entoar, e que se verifica que a filosofia sofre constantes influencias em seu bojo e se transforma conforme as necessidades para a sobrevivência e melhor aproveitamento. Portanto, o filosofar e contar história com método (refletir) é pensar o mundo para as questões do dia a dia, é dialogar com o tempo e espaço, reconhecendo o eu e o outro, a denominação de sensações e a sistematização do que poderia fazer da filosofia um ambiente rico de possibilidades para compreensão da sociedade e para a interdisciplinaridade.

METODOLOGIA

A realidade nem sempre corresponde as expectativas do ideário humano. Assim, a educação também compartilha desse mesmo amalgamo, cujas ideias e comportamentos precisam ser estudadas. Desta forma, visando dá um passo adentro ao abismo no qual tangencia está prolongada luta de antagonistas, o estudo, elucidado no município de Jaboatão dos Guararapes – PE, na Escola EREM - Desembargador José Neves, a pesquisa foi realizada com alunos dos três Módulos, pertencentes a Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Ensino Médio, no módulo 1, com duas turmas 25 alunos por sala, no módulo 2, tinha uma turma de 30 alunos e no módulo 3, com 25 alunos, com um total de 96 alunos entrevistados. Com faixa etária entre 18 a 50 anos, advindos de um contexto sociocultural vulnerável.

A entrevista de deu através de um questionário com 3 perguntar aberta, que nos conduziu a criar subsídios que possibilitaram responder os nossos objetivos: **Qual o conceito de filosofia? O que seria uma aula ideal de filosofia? e por que essa aula seria ideal?** Contudo, o método qualitativo, proporcionou uma descrição dos dados coletados, que possibilitaram a análise dos resultados e a discussão descritos abaixo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao que corresponde a primeira pergunta - **Qual o conceito de filosofia?** – os estudantes responderam à questão baseados em conceitos reproduzidos em sala de aula. Mesmo apresentando alguns conceitos pré-concebidos, advindo das aulas de Filosofia, os educandos vão além da conceituação agregando valores morais e éticos em suas definições, como: *“Caráter, amor, humildade, relacionadas todos a um saber e compreensão”*. Essa perspectiva

de ir além da concepção teorizada do que é a Filosofia é alegada por Silvio Galo, ao perceber que:

A aula de Filosofia precisa ser vista como uma “oficina de conceitos” e nunca uma sala de museu, na qual se contemplem conceitos criados há muito tempo e que são vistos como meras curiosidades. Deve-se, sim, atuar como um meio de trabalho em que os conceitos se ofereçam como ferramentas manipuláveis, como um laboratório em que se permita e ofereça condições e meios para experiências e experimentações de acordo com os conceitos de que esse estudante se apropria (GALO, 2013, p. 57).

Assim, essa apropriação de conceitos é essencial para que o desenvolvimento cognitivo dos estudantes possam ser melhor trabalhado e desenvolvido durante as aulas.

A segunda pergunta - **O que seria uma aula ideal de filosofia?** – teve como objetivo entender qual seria uma aula ideal de filosofia para os estudantes. Pois, ajudaria a melhor compreendê-los e acrescentaria uma visão diferenciada para o professor no seu modo de ensinar, já que de acordo com Cerletti:

Converter a questão “ensinar Filosofia” em um problema filosófico modifica também a sequência tradicional da didática da Filosofia, que privilegia o “como” ensinar, para colocar então em primeiro lugar a análise do “que” ensinar. O “que” não será simplesmente um tema filosófico, mas envolve uma tomada de posição perante a Filosofia e o filosofar. Essa colocação, por sua vez, outorga um forte protagonismo aos professores nas decisões sobre as estratégias a desenvolver para levar adiante o seu ensinar, já que tais estratégias resultarão da integração das posições filosóficas e pedagógicas pessoais, com a avaliação das condições e do contexto em que o ensino terá lugar (CERLETTI, 2009, p.39).

Este tópico é essencial para a discussão entre a realidade e a utopia, haja vista que a condição da referida escola, desse estudo, se encontra em estado de vulnerabilidade social. Entretanto, ao elencar o ideário de suas mentes os educandos demonstram um amalgamo de conhecimentos que incluem como gostariam que uma aula fosse ministrada (“*Uma aula com importância reflexão, com brincadeira e bem explicada*”), bem como também quais conteúdos deveriam ser enfatizados (“*É uma aula que faz você ter conhecimento sobre a vida, a sociedade, o amor[...]*”).

Assim, Benetti ressalta que:

Para pensar por si próprio é necessário ir além do ensino de habilidades de pensamento, da história da Filosofia e ou de temas. É importante que o professor possa compreender e abrir espaço para que os alunos façam experiências com os conceitos da Filosofia e encontrem um espaço para produzir a partir das inquietações e conflitos que vivenciaram. O ato de filosofar tem por característica desacomodar, gerar conflito, entretanto, é preciso atentar para não só gerar o conflito sem possibilitar que o aluno construa saídas para os mesmos. Dito de outra forma, é importante se deixar desacomodar e fazer algo a partir do que desacomoda. Nesse sentido, o ato de filosofar, ou o ato de ensinar e aprender de forma geral, não se constrói de maneira desvinculada do desejo e dos afetos produzidos nessa relação. Ao pensar que cada professor poderá fazer com que o aluno se torne portador de um pensamento autônomo, que venha a conhecer a si mesmos e responsabilizar-se por seus próprios



atos através do contato com a Filosofia, pressupõe-se a existência de uma subjetividade que deseja “por natureza” pensar, ser crítico, ser livre, ser autônomo (Benetti, 2006, p.35).

No entanto, para que de fato os educandos se tornem, o que é previsto nas Leis de Diretrizes e Base, seres críticos e reflexivos, autônomos no seu modo de pensar, como bem enfatiza Benetti, é crucial que o ambiente possua estruturas adequadas de ensino, além de maior liberdade de escolha, para os estudantes e professores, na construção dos conteúdos a serem abordados. O que só realça como a proposta para revisão da base curricular nacional terá que ser mais realista, tendo que se adequar as necessidades de cada região do território nacional.

Apesar da Lei de Diretrizes do EJA (BRASIL, 2013, p. 26) enfatizar que:

O tempo diferenciado do currículo da EJA em relação ao tempo do currículo na escola regular não significa tratar os conteúdos escolares de forma preconizada ou aligeirada. Ao contrário, devem ser abordados integralmente, considerando os saberes adquiridos pelos educandos ao longo de sua história de vida. De fato, os adultos não são crianças grandes e, portanto, têm clareza do porquê e para que estudar.

Todavia, esses fatores: tempo e desvalorização da vivência dos estudantes, na prática pedagógica ainda é evidente dentro da escola estudada, pois o professor que inova não é valorizado e infelizmente a vivência, mesmo sendo trabalhada, perde espaço para o quantitativo enorme de conteúdos além da diminuição da carga horária da disciplina de Filosofia.

Ao analisar as conclusões educandárias - **Por que essa aula seria ideal?** - Vê-se que é notório como os ideais enunciados por estudiosos conciliam com os anseios dos estudantes, retratados em: “[...] aprenderíamos e expressaríamos nossas opiniões” e “Porque de forma acima facilita a aprendizagem dos alunos”. Decerto que:

O ensino de Filosofia – ou de maneira mais ampla, uma educação filosófica – exige autonomia por todas as partes: autonomia da própria Filosofia diante de outros saberes e poderes; autonomia do professor ante os marcos institucionais que o regulam; autonomia de quem aprende ante a quem ensina e outros aprendizes. (KOHAN, 2009, p.75).

Essa autonomia proporciona a ambos, educador e educando, um diálogo que os transformas em sujeitos do processo educativo (FREIRE, 2013, p. 95/96).

Demonstrando que “[...] é importante que a escola desenvolva em seus alunos habilidades de pensamento crítico, incluindo a capacidade de analisar e solucionar problemas [...]” (SANTOS, 1997, p. 26). Fato esse que mesmo com todos os contratempos e desordens no meio escolar, ainda consegue-se alcançar, pois ao ofertar perguntas simples para serem respondidas os estudantes conseguiram analisar o problema, proporcionar uma solução e explicar o porquê desta, de maneira crítica e reflexiva.

Por outro lado, a utopia como a “forma ideal de relações sociais e elemento o mais generalizado no mundo espiritual” (SZACHI, 1972, p. 08). O autor quer dizer que a impossibilidade do indivíduo em toda a sua existência de não ter sonhado, e não ter sido mais ou menos utópico. Porque a utopia seria o sonho feito no sistema, o ideal construído em forma da doutrina (SZACHI, 1972, pg. 09).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Filosofia extrapola os parâmetros de disciplina, ao buscar instigar por meio de questionamentos o pensar crítico-reflexivo sobre os acontecimentos da realidade circundante. Tendo o professor como um maestro conduzindo a orquestra de estudantes. Entretanto, seu ensino, muitas vezes, está voltado para práticas pedagógicas não condizentes com a realidade.

A muralha construída entre prática e teoria ainda deixa muitas sequelas no sistema escolar. Apesar das tentativas de aprimoramento e melhoramento desenvolvidas por iniciativas particulares e algumas públicas, como a instituição do ensino integral, ainda há muito que se fazer, principalmente em relação a práxis escolar.

Não se pode instituir escolas com altos padrões educacionais sem visualizar o padrão do público alvo que será beneficiado com estas escolhas. A instituição por exemplo de Tablets nas escolas não ajuda a melhorar o ensino, se este não tiver um planejamento pedagógico condizente com as necessidades de ensino.

Outra falésia na educação é tratar a educação de jovens e adultos (EJA) da mesma forma que é apresentada no ensino regular. A realidade dos estudantes da EJA é completamente diferente do Ensino Médio Regular.

São estudantes que estão fora da faixa etária, que chegam na sala de aula cansados do trabalho; tem família de filhos e netos, todos morando na mesma casa, muitos são responsáveis pelo sustento familiar, além do que possuem experiência enriquecedora de vida.

Nesta situação, a práxis que deveria ser elaborada pelos educadores precisaria atender as necessidades mais emergências destas pessoas. Contudo, ela é voltada, em sua maior parte do tempo as aulas expositivas, o que não auxilia no desenvolvimento pedagógico do educandário aumentando o abismo entre teoria e prática.

Além do mais as (ré) qualificações dos professores são desvinculadas da realidade da sala de aula ou são praticamente inexistentes; as aulas, ao que concerne ao ensino de Filosofia,

sofreram uma redução muito expressiva, limitando os encontros; os textos filosóficos são de alto grau de complexibilidade e por fim aulas sem motivação nem estímulo, tanto para professores como para estudantes.

Desta forma, não podemos negar a utopia que paira em nossos estudantes na caminhada de sua formação junto a realidade percorrida no início textual. Mesmo querendo extirpar seu pensamento filosófico, a pesquisa demonstrou que os estudantes acreditam ainda numa perspectiva de ensino filosófico melhor que a atual. Necessitando de mudanças bruscas nas práxis pedagógicas que vislumbre um ensino condizente com o que foi acertado na aprovação da Constituição Cidadã: um ensino acessível, de qualidade, e de acordo com a realidade de todos os cidadãos brasileiros.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Cláudia Cisiane. Filosofia e ensino: singularidade e diferença entre Lacan e Deleuze. **Ijuí**: Unijuí, 2006.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Brasília - DF: MEC, 2013.

_____. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as **diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília - DF: MEC, 1996.

_____. **Orientações curriculares para o ensino médio, ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica**. Brasília-DF: MEC. 133 p.; Vol. 3. 2006.

CANDAU, V. M^a F. Didática e multiculturalismo: uma aproximação. In: LISITA, V. M. & SOUSA, L. F. Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar. XI Endipe. Rio de Janeiro: **DP&A**, 2003.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. Discursos pela interculturalidade no campo curricular da educação de jovens e adultos no Brasil nos anos 1990 – Recife – PE: **Bagaço**, 2004.

CERLETTI, Alejandro. O ensino de Filosofia como problema filosófico. Belo Horizonte: **Autêntica** Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1966.

_____, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2013.

GALLO, Sílvio. Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio. Campinas: **Papirus**, 2013.

JEAGER, Wener. Paideia. 4ed. São Paulo-SP: **Martins Fontes**. 2001.



KOHAN, Omar Walter. Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar. Belo Horizonte: **Autêntica** Editora, 2009.

MATOS, Junot Cornélio. Filosofia (da) Perguntação. Maceió – AL. 1ª edição, **Editora Café com Sociologia**, 2021.

MORIN, Edgar, A cabaça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro – RJ: **Bertrand Brasil**, 2011,

SANTOS, Lucíola. Currículo e formação de professores. In: Presença Pedagógica. vol.3. Belo Horizonte: **Dimensão**, 1997.

SOUZA, João Francisco de, E a educação popular: que?? Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro. Recife: **Bagaço**, 2007

SILVEIRA, Rene. Um sentido para o ensino de filosofia no ensino médio. In: GALLO, Silvio; Kohan, Walter(orgs). Filosofando no Ensino Médio. Petrópolis: **Vozes**, Vol. VI, 2000.

SZACHY, Jerzy. As utopias ou a felicidade imaginada. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1972.